

JOAQUIM DE ARAUJO

LUIS DE CÂMÕES

POEMETO

COM UMA CARTA DE EÇA DE QUEIROZ

3.^a EDIÇÃO



LISBOA

Typ. da Comp. Nacional Editora

1894



é um querido amigo
e ilustre jornalista
Herbano de Castro

Lembranças de
João de Araújo

LUIS DE CAMÕES

TIRAGEM ESPECIAL

Sete exemplares em papel da China,
numerados.

JOAQUIM DE ARAUJO

LUIS DE CAMÕES

POEMETO

COM UMA CARTA DE EÇA DE QUEIROZ

3.^a EDIÇÃO



LISBOA

Typ. da Comp. Nacional Editora

—
1894



869 ARAÚJO, J
ARA

À

MEMORIA

DE

ANTHERO DE QUENTAL

MEU MESTRE E MEU AMIGO

AO

DR. SOUSA MARTINS

CARTA DE EÇA DE QUEIROZ



Bristol, 15 de junho.

Meu caro amigo,

S *E eu tivesse a divina faculdade improvisadora de Ariosto ou essa colossal facilidade á Dumas, que cria uma obra entre dois cigarros — não deixaria decerto, pela muita sympathia que V. me merece, de satisfazer o seu pedido dum prologo quasi pela volta do correio.*

Infelizmente, para mim o trabalho não é um doce deslizar pela corrente serena do ideal — mas uma subida arquejante por uma dura montanha acima. As dese- seis ou vinte paginas que V. me pede, á pressa, levar-me-hiam um longo tempo a escrever — e eu te- ria de interromper obra que está na forja, quente e fumegando, para ir malhar outro ferro. Não sei além disso muito bem o que poderia dizer sobre os seus sone- tos; se obedecesse ao meu impul- so natural diria apenas uma pa- lavra: isto é docemente lindo,—

e não saberia accrescentar mais nada. Para fazer um estudo sobre a Evolução Moderna da Poesia, necessitava a largueza do livro; não me bastaria o artigo.

Os seus sonetos, para encantarem, não necessitam dos meus laboriosos commentarios. Se os Rouxinoes, por motivos philosophicos, se decidissem a não cantar, sem terem ao lado um critico habil que lhes explicasse o canto — deve confessar, meu caro Araujo, que os arvoredos perdiam logo todo o seu idyllio e to-

do o seu mysterio. As obras de arte devem fallar por si mesmas, explicar-se por si mesmas, sem terem necessidade de pôr ao lado um cicerone. Acompanhar um livro de versos de critica já feita, é querer impôr um guia á emoção do leitor. O leitor detesta isto. Creia que os seus sonetos serão mais bellos, vistos sós, na sua pureza esculptural de linhas nobres — sem lhes pôr em redor toda a complicação da minha prosa. O meu prologo seria um bocado de chumbo atado á asa duma linda e ligeira ave...

.....

Publique os seus sonetos sós, e os homens de gosto ficar-lhe-hão agradecidos.

De resto, como lhe disse, a difficuldade é V. ter pressa e eu ser um homem de inspiração tão lenta.

Creia-me, meu caro Araujo,

Seu muito dedicado

Eça de Queiroz.



LUIS DE CAMÕES

... Vos beaux sonnets si pleins de l'inspiration même du poète qu'ils chantent...

GASTON PARIS.



PROLOGO

RENASCENÇA

Resurgem os hellenicos primores ;
Um sangue ardente e fêrvido espadana ;
Luthero queima altivo a Lei romana :
Cortam o espaço os gritos e os condores.

Chora, junto da flôr dos seus amores,
Miguel Angelo, essa alma sobrehumana :
Cresce o delirio da paixão insana :
Chora a Virgem na téla dos pintores.

A terra oscila de enthusiasmo e lucto.

Loyolá surge. O eterno Benvenuto

Vibra o stylête, rapido, certo:

Colombo e Gama encontram mundos novos,

E écôa, entre a alvorada de cem povos,

O genio Lusitano aventureiro...





I

NA IGREJA DAS CHAGAS

Visão celeste! Olhou-a, e, num momento.
Elle, o guerreiro, o trovador ousado,
Sentiu como que prêso o pensamento
A'quella fronte dum palôr maguado!

Ella tremia, vendo-o, como ao vento
Treme a haste dum lirio immaculado ..
Ouvia-se no templo um psalmejar lento,
Ante o immovel Jesus crucificado.

Que poema de amor sereno e dôce,
Àquelle seio avelludado trouxe
Esse heroico perfil, meigo e suave?

A Santa Virgem baixa o olhar dorido,
E um suspiro revôa, enternecido,
Da austera igreja na sombria navel





II

JUNTO DA BOA INFANTA

A' sr.^a D. Carmo Moraes

Nos serões da Ribeira, a côrte ouvia,
As canções fugitivas e graciosas,
E o vulto da Nathercia estremecia,
Do poeta ás endechas amorosas.

Como o orvalho nas petalas das rosas,
O seu timido olhar assim cahia
Sobre o cantor das coisas misteriosas,
Que o pensamento lhe roubara um dia.

E a boa Infanta, no seu throno, amante,
Venturosa no candido semblante,
Protegia esse par enamorado...

Tudo luz! Que fulgores no horisonte!
Elle surria... ella baixava a fronte...
Que destino, o de amar e ser amado!





III

O AUTO DE EL-REI SELEUCO

Ao sr. Wilhelm Storck

No Oriente, um rei antigamente houvera,
Em cujo coração radiava o brilho,
Que a lua põe no languído tomilho,
Pelas noites leaes da primavera.

Seguia o humano e generoso trilho
Da san virtude protectora e austera,
E, por dar vida ao coração do filho,
Uniu-o á propria noiva que escolhera.

.....

Drama simples e épico. Entretanto

D. João Terceiro, attonito de espanto,
Revê, no duro espirito sombrio,

Do morto pae o thalamo invejado,
E, á allusão de Camões, ruge, tomado
Dum odio intenso, inabalavel, friol





IV

NA DERROTA DA INDIA

A Platon de Waxel

À noite, como um dobre funerario,
O vento bate nas infladas velas;
Sobre o espelho do mar, vasto sudario,
Erra a luz palpitante das estrellas.

Eterno scismador e visionario,
Camões procura o rastro das procellas...
Na amurada da nau, vê solitario
Apparições fantasticas e bellas.

A' flôr das aguas surgem as ondinas :
Abandonando as grutas crystalinas
Boiam, cantando, as limpidas sereias.

O mar embala a nau no dorso altivo,
E ha como um sopro rude e primitivo,
Um frêmito gigante de epopeias!





V

OLHANDO O TEJO

Em noites calmas de luar tremente,
Quando na altura se entreabriam flôres,
—Lirios de luz suavissima e cadente,
Os astros virginaes e scismadores,—

E palpitava o hymno dos amores,
Que a Natureza, esse maestro ingente,
Executa nos montes sonhadores,
Entre as florestas e no mar dormente,

Das janellas do paço da Ribeira,
Nathercia procurava a larga esteira
Dos fortes galeões aventureiros,

E convulso lhe arfava o seio brando,
«Para o ceu cristalino alevantando
Com lagrymas os olhos piedosos» . . .





VI

NA GRUTA DE MACAU

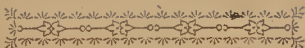
No seu retiro placido, sonhando,
O Poeta evoca das regiões da Morte
Os heroes legendarios, que ao seu mandô
Erguem a frente valorosa e forte.

Toda a sublime e varonil cohorte
Dos que a Patria elevaram, batalhando,
Diante dos seus olhos vae passando,
Sem que a desgraça o animo lhes côrte.

Extatico e solemne, esse Vidente
Sente pulsar o coração vehemente,
Ao fogo que no peito se lhe ateia ;

Cinge-o o clarão do genio triumphante,
E, como austera, religiosa amante,
Beija-o na fronte a Musa da epopeia !





VII

O NAUFRAGIO

A F. Giner de los Rios

O mar bramia irado e misterioso:
Era o ceu côr de chumbo, e a tempestade
Rolava, pela torva immensidade,
Num impeto fatal e tenebroso.

No profundo oceano procelloso,
A nau se afunda, que o terror invade,
E o abismo abafa prestes, sem piedade,
Das victimas o côro desditoso.

.....

E em meio de payôr e furia tanta,
Um peito bronzeo, heroico, se alevanta,
Contra as ondas luctando, triumphal,

E arrancando do mar ao seio bravo,
Dum povo prestes a morrer escravo,
A sagrada legenda sepulcral.





VIII

VISÕES DO CARCERE

A Curros Enríquez

Vergado ao pezo de crueis revéses,
Na asperesa do carcere, Camões
Cuja dôr e heroismo são arneses,
Da Sorte contra os rígidos baldões,

Quantas vezes, anciando,—quantas vezes!—
Da nau enevuada das Visões,
Deslisa, pelos trêmulos convéses,
Perdida a mente em doidas illusões!

Sonho de amor, dulcissima miragem,
Surri-lhe, a espaços, a formosa imagem
Da sua amada, palida, anhelante...

Mas, subito, o seu claro olhar turbou-se...
—A bella Ignez elle entrevira dôce,
Morta, nos braços do seu regio amante!





IX

ETERNO AMOR

A Luis Murat

Barbara, a doce e tímida cativa,
Que de vezes erguia o olhar nublado
Áquella fronte vasta e pensativa,
Áquelle rosto varonil, rasgado!

Morta de amor, ella tremia viva,
Ao sopro dêsse amor immaculado,
Que o amor é a emanação de que deriva
O Bem, que pelo mundo anda exilado.

.....

E, enquanto o sol, a esmorecer, beijava,
Da extrema do horisonte, a pobre escrava,
Absorta e prêsa nesse amor bemdito,

Camões, extatico, ia soletrando,
O nome da Nathercia, suave e brando, i
Em circulos de luz, pelo infinito...





X

NOITE ESCURA DE ALMA

A Léon Janssen

«—Não lhe colher o derradeiro beijo!

«Não a velar, no derradeiro instante!

«Bateu as azas, em perenne adejo,

«Vouu á Eterna Região distante.

«Pobre flôr! no seu palido semblante,

«Como uma aspiração, como um lampejo,

«Um poema chorava soluçante,

«Que a morte era o seu unico desejo.

«E a morte não tardou, lirio celeste,
«Suavissima criança, que vieste
«Illuminar-me um dia o pensamento!»

...E as nuvens desmaíavam pelo espaço,
E aquelle peito, inabalavel, de aço,
Vergava, como um canavial ao vento!





XI

EM FRENTE DA PATRIA

A Armando Palacio

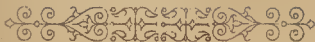
Avistava-se a terra, anciosamente
Sonhada no mar largo e no rigor
Do fulvo exilio marcial do Oriente,
Entre longos prodigios de valor.

Avistava-se a terra, e doidamente
Ouviu-se um como frémito de amor...
A marinhagem sobe aos mastros, sente
Chegado o fim da inenarravel dor.

Mas nesse instante—ó magua indefinivel!--
Ouve-se um grito intimo, terrivel,
E Heitor cae morto, em grandes convulsões...

—Morto! na flor das illusões mais bellas!
E as lagrymas rolavam, como estiellas,
Nas faces enrugadas de Camões.





XII

A LEITURA DA EPOPEIA

Ao Baron Ch. de Tourtoulon

Camões lê. El-rei ouve commovido,
Junto á côrte curvada e silenciosa:
... «Brame convulso o Admastor vencido,
«Venus applaca Jupiter, piedosa.

«Ignez murmura o ultimo gemido,
«Passa dos Doze a ala victoriosa;
«E o velho do Rastello, espavorido,
«Conjura as naus da armada clamorosa.

«Evocada do tumulo, surgia

«A doce e formosissima Maria,

«Alvo contraste do perfil do Gama.

«A Cruz fulgura illuminando o Oriente. . »

. . A côrte escuta, e El-rei, formoso e crente,

Contempla a Gloria, que de longe o chama !





XIII

PRELUDIOS DA CATASTROPHE

A Jayme de Ségurier

Uma immensa mortalha de tristêsa
Cobre a cidade, festival outrora;
Longe os tempos da rigida firmêsa,
A rota plebe, esmorecida, chora.

Sumiram-se os vestigios da grandêsa,
Pelas ruas, a herva cresce agora,
E os nobres cavalleiros vão-se á emprêsa,
Que ao moço rei a juventude inflora.

São prestes a partir, aventureiras,
As impavidas hostes altaneiras,
Que a van chimera triumphal consola :

No entanto, corta o espaço desolado
O «miserere» trêmulo, maguado,
Da voz do Jau, a supplicar esmola...





XIV

O ROUBO DO PARNASO

A' sr.^a D. Carolina Michaëlis

- «—Urna de fundas lagrymas choradas,
- «Cofré de puras graças matinaes,
- «Jazigo de esperanças malogradas,
- «Relicário de estrellas immortaes,

- «Quem te roubou? que mãos desapiedadas,
- «Levaram tanto amor e tantos ais?
- «Minhas brandas canções immaculadas,
- «Nunca mais heide ver-vos, nunca mais!

- «Mas quando vosso fogo allumiar
«O ergastulo, em que chora a dor humana,
«Hade ouvir-se um unisono bradar
- «De astros, e almas, e lirios, e boninas:
«—Quem é éste que na harpa lusitana
«Abate as Musas grêgas e as latinas?»





XV

MATER DOLOROSA

Dorme, enfim, dorme no final repouso,
Pelos beijos da morte auréolado,
Esse triste guerreiro desditoso,
Na mortalha da Patria, amortáldado.

Duma doce vélhinha o vulto ancioso,
Suspira tristemente, ajoelhado
Ánte esse catre ignobil, tendo ao lado,
Um Christo de olhar manso e religioso.

.....

Ella chorava trémula e curvada,
A' estancia do passado, illuminada,
Lançava ao longe os olhos da saudade...

Viu da infancia o perfume e o roseo brilho,
E as mãos beijou dêsse adorado filho,
Que entrava, morto, na Immortalidade!





EPILOGO

ET NUNC ET SEMPER

A Eça de Queiroz

E as Idades seguiram, triumphantes.
No descanso do tumulto, os heroes
Dormem na paz herculea dos gigantes,
Allumiados ao fulgor dos soes.

Cantae-lhe os hymnos que os faziam dantes
Ir aos prélios homericos; depois,
Achareis que esses épicos atlantes
Já não ouvem sequer os rouxinoes.

Mas vel-os-heis surgir altivamente,
Nas mãos o fulvo gladio omnipotente,
Ao soar, entre os povos e as nações,
No ambiente dos Tempos, firme, erecta,
A palavra de luz dêsse Propheta,
O verbo gigantesco de Camões.

1884



BIBLIOGRAPHIA



JOAQUIM DE ARAUJO—Luis de Camões,
poemetto. Porto, 1887—in-32.

On se trompe fort si l'on pense que la littérature portugaise se résume tout entière en Camoëns et sa *Lusiade*. Au contraire, ce petit peuple de l'extrême occident de l'Europe possède une littérature extrêmement riche et variée, qui, dans la suite des siècles, a subi les influences les plus diverses, depuis la «gaie science» des troubadours provençaux jusqu'aux romanciers naturalistes de l'époque actuelle. Le XIX^e siècle n'y a pas été l'un des moins féconds et comme

qualité aussi il a produit, dans la personne du poète Almeida Garrett et de l'historien Alexandre Herculano, des auteurs qui éclipsent la plupart de leurs devanciers et qui rivalisent avec les meilleurs écrivains étrangers du deuxième quart de ce siècle.

A l'heure qu'il est, Garrett et Herculano appartiennent tous deux à l'histoire et s'ils n'ont pas été égalés depuis, du moins le champ semé par eux n'est pas resté stérile. On cite par dizaines les noms d'écrivains que honorent en ce moment les lettres portugaises. On y observe même une tendance qui serait plus nationale que celle qui a prévalu à d'autres époques. Julio Diniz, un jeune homme de grand talent, mort avant l'âge, a écrit de charmants romans de mœurs,

tandis que le goût de la poésie populaire, éveillée d'abord par l'admirable *Romanceiro* de Garrett et ensuite par le *Cancioneiro* de M. Theophilo Braga, a inspiré à son tour plus d'un poète.

De l'autre côté des Pyrénées tout le monde fait de vers, aussi y est-il plus difficile qu'ailleurs de se faire écouter au milieu de ce gazouillement universel. Le dernier en date des poètes qui a attiré l'attention de ses compatriotes est M. Joaquim de Araujo, enfant de Porto, qui en parcourant la vallée du Douro s'est laissé toucher de bonne heure par les charmes de la nature du Midi; aussi dans bien de bluettes de son premier recueil: *Lira intima*, paru il y a cinq ou six ans retrouvet-on la naïveté enfantine qui fait le charme des rimes quasi-provençales

.....

du bon vieux roi Don Diniz dont, les tâtonnements poétiques, après six siècles d'oubli, viennent enfin de voir le jour. Dans la *Lira intima* du poète contemporain on rencontre cependant des vers profondément sentis et qui ne sont pas seulement des soupirs qui échappent à la vue des étoiles et des fleurs, mais qui trahissent un sentiment profond et sincère. La complainte sur la mort d'une sœur (*Minha Irman*) en fait foi.

Dans cette poésie, comme dans quelques autres, le poète se distingue de la plupart de ses compatriotes par la concision et la pureté de la forme. En quelques vers il nous trace un tableau entier. Aussi la forme du sonnet a-t-elle dû le séduire et, dans son second recueil, qui vient de paraître à Porto et dont le titre

se trouve placé à la tête de cette notice, il ne s'en est tenu qu'à cette forme, qu'il traite en general d'après les règles de la poétique, quoiqu'il use trop souvent des sonnets à rimes croisées. Une fois, dans le sonnet *Olhando o Tejo*, il n'y a pas d'interruption d'idée entre le second quatrain et le premier tercet. Les licences sont rares cependant et la forme est le plus souvent châtiée.

Comme le Mascarille de Molière voulait mettre en madrigaux toute l'histoire romaine, de même M. de Araujo a condensé chaque épisode saillant de la vie de Camoëns dans un sonnet. En guise de prologue, il évoque la Renaissance, dont sortit le génie aventureux des navigateurs portugais et d'où surgit à son tour le génie épique du grand poète. Nous as-

sistons ensuite aux visions et aux rencontres amoureuses de celui-ci, nous le retrouvons dans les tourmentes et les cachots, dans la grotte de Macao composant son poème et le lisant ensuite à la cour du roi Don Sebastien. Le sonnet consacré à ce dernier épisode récapitule les plus sublimes images de l'épopée portugaise... Très belle est aussi la page qui nous décrit la fin du poète, «qui mort est entré dans l'immortalité»,—l'apothéose de cette immortalité du Camoëns formant le sujet du dix-septième et dernier sonnet du recueil.

Il est bon que les jeunes écrivains étudient les grands modèles de la littérature universelle—il n'y a pas longtemps que toute une phalange d'hommes de lettres portugais traduisait et commen-

tait à satiété les deux parties du *Faust* de Goethe, tout comme leurs devanciers s'étaient adonnés au culte des classiques latins. Mais il vaut mieux encore se retremper dans les monuments de sa propre littérature nationale; là du moins on reste soi-même. En persévérant dans cette voie M. Joaquim de Araujo ne fera pas fausse route et dotera son pays d'autres œuvres empreints du génie propre à sa nation.

PLATON DE WAXEL.

(*Journal de Saint-Petersbourg*, n.º 51.

— 17 juin, 1887)



INDICE

Carta do sr. Eça de Queiroz.....	7
Prologo—Renascença.....	17
Na Igreja das Chagas.....	19
Junto da Boa Infanta.....	21
O Auto de El-Rei Seleuco.....	23
Na Derrota da India.....	25
Olhando o Tejo.....	27
Na Gruta de Macau.....	29
O Naufragio.....	31
Visões do Carcere.....	33
Eterno Amor.....	35
Noite Escura de Alma.....	37
Em Frente da Patria.....	39

A Leitura da Epopeia.....	41
Preludios da Catastrophe.....	43
O Roubo do Parnaso.....	45
Mater Dolorosa.....	47
Epilogo—Et Nunc et Semper.....	49
Bibliographia.....	51



Preço 300 réis